

3^a ASSEMBLÉIA DE CHEFES INDÍGENAS



MERURI

2-4-SETEMBRO-1975

TERCEIRA ASSEMBLÉIA DE CHEFES INDÍGENAS

MERURI DE 2 A 4 DE SETEMBRO DE 1975

Introdução

O texto abaixo da fala dos Índios em Assembléia foi na 1a. parte todo ele tirado de gravação e, na 2a. parte, escrito e lido no encontro pelo bororo Chibae Ewororo.

Esta Assembléia, diferentemente das duas outras, a de Diamantino e a do Cururu, resultou de iniciativa exclusiva dos Índios, concretamente dos Bororo que, motivados por estas duas primeiras e talvez premidos pela situação conflitiva de suas terras, se encarregaram do planejamento e execução do Encontro, o que se desenvolveu nas seguintes etapas:

Convites

Com um mês de antecedência começaram a enviar convites aos chefes que tinham participado das Assembléias anteriores, à 5a. Delegacia da FUNAI sediada em Cuiabá, ao CIMI, inclusive solicitando deste que convidasse outros chefes de nações indígenas que ainda não tinham assistido às Assembléias. O delegado regional da FUNAI não mostrou interesse.

Comitivas

Os Xavante de São Marcos e Sangradouro foram os primeiros a chegar, no dia 19 de setembro.

Vieram junto com os Bororo os Xavante de Sangradouro.

Os Tapirapê chegaram acompanhados por Dom Pedro, na manhã do dia 2/09.

Os Irantxe e os Paresi, ambos trazendo esposas e filhos, mais os Nanbikuara vieram de caminhão em companhia do Pe. Thomaz Lisboa e percorrendo mais de mil quilômetros.

O Índio Guarani se uniu em Cuiabá à comitiva anterior.

Convidado da Missão Anchieta compareceu o Pe. João Bosco Burnier. Do CIMI estiveram presentes Dom Tomás Bal-

duino e Pe. Egydio Schwade. Convidados também compareceram os PP. Salesianos: Rodolfo, Gonçalo e Mário Gosso e duas irmãs. Os Integrantes destas comitivas somados com os participantes bororo do Meruri perfaziam um total de sessenta índios, sem contar o contingente geral da aldeia.

Local

O local escolhido para o encontro não foi a sede da Missão, mas sim a aldeia do Boqueirão, distante de 12 quilômetros, na área das roças e banhados e no formato primitivo das aldeias bororo. Era ambiente natural do encontro e da comunicação de crianças, jovens, adultos e velhos das famílias ali residentes e dos visitantes.

As sessões

Um grupo de velhos bororo tomando pela mão os visitantes conduziram um por um aos seus lugares no grande tapiri especialmente construído no centro da aldeia para local da reunião.

Ao ritmo de maracás um bororo cantou dando voltas em torno do grupo todo. Alguém traduziu em seguida: "Assim como este canto está rodeando nossos visitantes assim a benção de Deus nos rodeie durante esses dias."

A pedido dos mesmos bororo Dom Pedro celebrou a Missa.

Houve o almoço.

E no começo da tarde começaram os depoimentos de cada um com toda liberdade.

Os serviços

Os visitantes ficaram alojados seja nas famílias bororo, seja na casa grande dos homens. Um grupo de mulheres se encarregou da cozinha, sendo os víveres fornecidos pelas famílias bororo e também pela Missão. Havia fartura de tudo, inclusive de frutas e de bebidas típicas da tribo.

A coordenação da Assembléia foi executada pelos bororo liderados por Chibae Ewororo, com discrição e respeito, mais estimulando do que comandando.

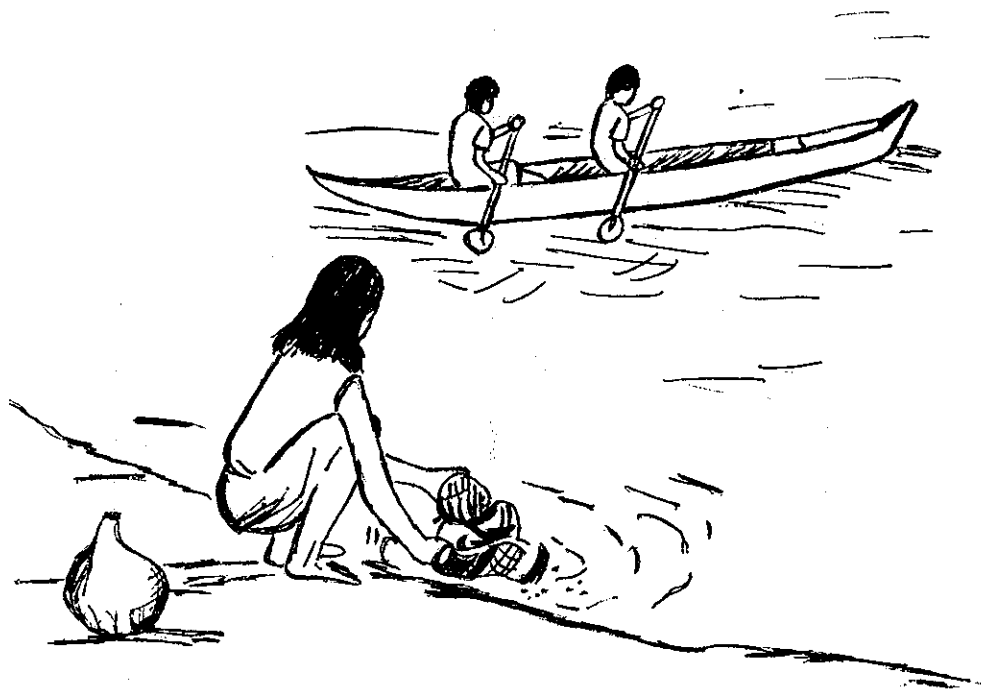
Sessão privativa

Toda a manhã do último dia foi consagrada ao encontro privativo dos Índios sem a presença de missionário. O coordenador da Assembléia redigiu os depoimentos de cada um e os leu depois a grupo todo reunido.

Passeio - No dia 4 houve um passeio à tarde à aldeia Xavante de São Marcos, a convite do Chefe Apoena.

Encerramento e regresso

O encerramento realizou-se propriamente à noite do dia 4 com a apresentação de cantos e danças de todos os participantes. Foi notado como sinal máximo de confraternização o fato dos Xavante terem usado em suas danças a indumentária dos Bororo. Dia 5 foi o regresso de todos às suas respectivas aldeias.



PARTE I - 1º dia

Chibaewororo (Lourenço), faz a abertura da Assembléia:

O Mário Xavante, os nossos companheiros, os padres, estamos aqui pra mais uma reunião. Como já sabemos, a lá. foi feita em Diamantino-MT, a outra foi feita no Cururu, lá no Pará. Estamos vendo que estas reuniões estão despertando bastante o interesse dos índios. Estão despertando também a FUNAI que é o órgão principal, encarregado de nossas questões, de nossos problemas, de nossos interesses em geral. De nossa parte, estamos mostrando interesse nesse trabalho de recuperar nossas terras.

Cada um deve, aqui, apresentar os problemas que tem em suas áreas, o que se está fazendo e o que se deve fazer. Assim mais unidos vamos reclamar à FUNAI um futuro com condição de vida melhor pra nossos filhos.

Seria bom cada um apresentar o que estão fazendo em suas aldeias, e os problemas também. Vamos trabalhar todos juntos, discutir e achar uma solução e dirigir à FUNAI que parece estar trabalhando menos do que fala.

Cada um vai ter liberdade de falar. É livre e espontâneo de dizer. Pode se sentir em casa que ninguém vai reparar se fala bem ou mal.

Todos somos, sentimos irmãos aqui juntos.

Nenito Cláudio, Guarani:

* Eu posso falar? Quer dizer, eu vou falar um pouco sobre os patrícios, os índios lá de Dourados-MT. As autoridades vai me desculpar de eu falar, mas o que é verdade tem que se falar.

Estou reclamando do que tem acontecido com os índios Kaiowá que por qualquer coisa são transferidos. Como pode o índio possuir alguma coisa na vida assim desse jeito? Os índios são transferido como gado que a gente pega p^oe num cam^op^o ou no outro. O que os índios Kaiowá pediram pra eu falar foi isso.

Eu da minha parte acho que um dia os índios vão desaparecer mesmo porque já tem pouco.

Outra coisa que eu quero dizer é que lá os índios ganharam trator, mas o trator só fica nas mãos dos capitães. Isso quer dizer que eles ganham dos índios na colheita, e eles ganham na terra tombada.

E outra: a madeira da terra dos índios, eles estão tirando tudo. Estão derrubando o mato. Quer dizer, como os índios vão possuir uma casa, de onde vão tirar madeira? Se os índios ficar só com a terra, como vão se valer depois não tendo madeira dentro da área do posto?

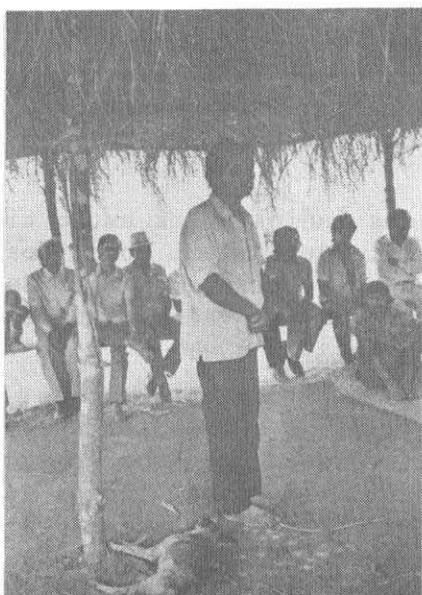
Qualquer coisa que acontece as autoridades do posto despejam os índios na rua com as famílias. Os índios perdem tudo, nem condução eles dão. Isso aconteceu com meu irmão Marçal de Souza, índio guarani. Ele tinha 51 anos de moradia dentro do posto. Outro dia atrás eles mandaram ele sair da aldeia com a família inteira. Ele perdeu muitas coisas que tinha. Ele estava preso e então o encarregado de lá mandou dizer pra mulher dele que ia mandar botar fogo na casa e então ela saiu de medo. Ele disse pra ela: "Dá um jeito de sair dona, porque se a senhora não sair vou mandar botar fogo na casa". Então naquele momento, a mulher fez força e saiu. Deixou a sua morada. Eu por enquanto vou falar isto, depois vou falar mais.

Aije Kuguri, Eugênio Rondon, chefe bororo de Meruri:

Nós estamos aqui para esclarecer cada um os seus problemas. Não é pra se acanhar. É pra se esclarecer. Ninguém vai espancar ninguém por causa disso. Ninguém vai brigar por causa disso. Cada um tem que dizer o que sente, dizer suas dificuldades, cada um tem que dizer qual o motivo de não ter progresso na sua tribo, na sua área.

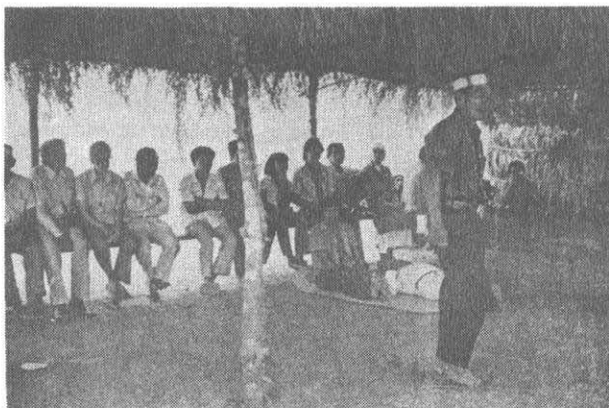
Acredito que todos os que estão aqui, sentem a mesma dificuldade que nós temos, os mesmos incômodos que sentimos. Os meus irmãos, particularmente os Bororo, estamos na mesma luta, estamos na mesma questão que está sendo problema difícil.

Desde 1972, iniciamos esse levantamento da questão sobre a nossa área e até agora nada foi resolvido. Já gastamos, já viajamos. Fomos à Brasília não sei quantas vezes. Em Cuiabá várias vezes e até agora só boas promessas, boas promessas. Já estamos enjoados de estar pra cima e pra ba



Eugênio: "Estamos na mesma luta. Temos que ajudar uns aos outros nessa questão (p.7). ... Se o índio não existisse no Brasil, para o Governo era um incômodo a menos." (p.9)

Joaquim: "Nós nascemos pra lutar. Não é de hoje a nossa luta. O branco entra, tira aquele lugar, pega o índio e joga de um canto pro outro" (p.15)



Cláudio Nenito:

"Os índios são transferidos como gado que a gente põe num campo ou no outro" (p. 6)

"...estão esperando morrer. Estão mesma coisa que em lata de sardinha, tudo apertado, porque tudo está cercado de arame" (p. 11)

xo, gastando, viajando daqui pra Brasília. A gente fica cansado, fica incomodado por causa da viagem. Come fora de hora, dorme fora de hora.

Mas, como acabou de falar o nosso amigo aqui, os problemas deles são mais sérios do que os nossos. Imagina, lá não tem um dedo pra ajudar eles um pouco. Lá com eles, o branco está fazendo o que quer. E quantos habitantes tem lá? Quantos conterrâneos?

Responde Cláudio: "tinha 3.000, agora tem nem a metade. Os índios estão deixando a aldeia."

Eugênio continua: isso quer dizer que o branco quer que o índio obedeça a ele. Quer que o índio desocupe de uma vez o pouco que tem até hoje. A gente vê que o branco quer apoderar mesmo o restinho que o índio tem, conforme o que ele acabou de contar nesse momento. Isso porque o Governo não se interessa pelo índio.

A gente vê que o Governo só se interessa pelo comércio e indústria. O índio está sendo o maior incômodo pro Governo. Quanta coisa a gente escuta no rádio, sem nunca falar dos índios. Só se fala dos interesses comerciais, industriais, dos índios nada. Que quer dizer isso? Quer dizer que se o índio não existisse no Brasil, para o Governo era um incômodo a menos.

Nós aqui somos ajudados pelos Padres Salesianos, nunca recebemos ajuda do Governo. Aqui na nossa Colônia, nunca houve ajuda da Funai, uma verba. No dia que os padres não pode nos ajudar a gente sofre e ninguém acode. O Governo não acode. Outra sociedade (SPI) que existiu antes da FUNAI, nunca viu nossa colônia. Agora existe a FUNAI e esse órgão é assim: a gente faz a queixa, faz o relatório, chega lá tem audiência, e na gaveta. Só. Ninguém incomoda, o pobre do índio fica esperando a solução pras queixas que ele fez.

Acho que ficaria mais fácil pra eles resolver o problema de cada área, por vez. Porque abraçar todas as áreas de todos os índios fica uma fortuna. Acredito que se realizasse uma área de cada vez ficaria mais leve. E se realizando um ia ajudando o outro até o fim. Eu acredito que temos de ajudar uns aos outros nessa questão. Nós também estamos lutando e até hoje só promessas assim: "É o negócio está perto", "é este ano", "é daqui um mês". Desde

o começo do ano foi prometido que seria solucionado nosso problema de terras. Primeiro ia ser no fim de janeiro, depois foi pra o fim de março. Agora mais adiante, até outubro. Sempre promessas e o ano está vencendo de novo. Estamos no fim de 1975 e nada foi feito até hoje. Mas nós estamos dando o impulso. Estamos experimentando pra ver se eles despertam e se animam em ajudar o índio. O índio sozinho também não consegue, precisa da ajuda da nação. Portanto, amigos, não vamos esmorecer. Vamos lutar sempre, custe o que custar. Vamos fazer como Tiradentes. Vamos sofrer e se preciso até morrer para a melhora pros nossos filhos. Que a gente tem que defender o que é deles. O que é da gente. A gente tem que morrer pelo que é da gente. Custe o que custar. Portanto, meus irmãos, não vamos esmorecer. Nós temos que trabalhar para conquistar o que Deus nos deu. Só isto que eu digo.

Nenito Cláudio - Guarani

* Vou contar mais uma coisa que tem acontecido com os índios lá de Dourados: o próprio Chefe do Posto dá castigo pros índios. Então nós pensamos: por que aquelas grandes autoridades, que são brasileiros, têm braço forte pra castigar aqueles índios? a troco de que?

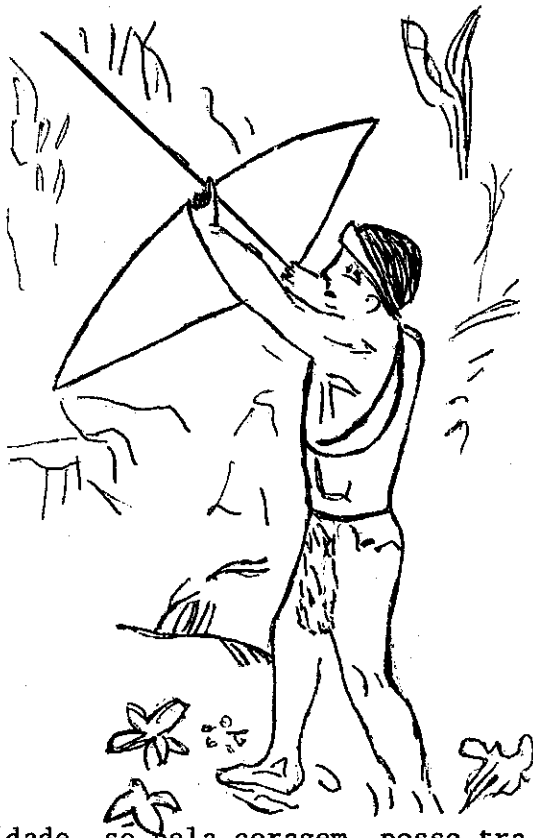
Já tem três anos que eles prendem índios e levam pra lavoura do capitão. Se tiver comida em casa, a mulher do preso leva comida pra ele, lá onde ele estiver trabalhando. Mas o que acontece com os índios mais fracos? Enquanto ele está sendo castigado, a mulher e até criança de dois anos ficam passando fome. A gente sabe da nossa pobreza.

Um dia fui defender um índio que estava sendo julgado e aí fui preso. Fui preso umas três vezes. Então o diretor de lá me falou: "olha Cláudio, você pode ver, mas você não pode mais vir aqui no Posto, falar pelos outros."

Quando ele me largou da cadeia, eu falei pro diretor: "olha, eu sou contra judiaria, nunca gostei."

Tem outra coisa: antes de se formar aquela cidade de Itaporã, antes dos fazendeiros chegar pra perto do posto, índio que não aguentava mais trabalhar tinha de onde tirar seu alimento. Naquele tempo o mato não tinha sido derrubado e tinha caça. Esses índios viviam de caça, vi-

via de mel, de fruta. Todos nós conhecemos frutas que tem no mato, como a guavira. Os índios recebiam muito alimento do mato. Mas agora, em volta do Posto, tá tudo limpo. Não tem nada. Nós temos que viver do dinheiro. E aqueles índios atrasados, como vão viver? Eles não sa-
bem trabalhar. Já es-
tão fracos, velhos e se
alimento nenhum. Estão
esperando só morrer. Es-
tão mesma coisa que em
lata de sardinha, tudo
apertado, porque tudo
está cercado de arame.
Não pode caçar, fazen-
deiro não deixa. TÊM
o rio Dourado, mas não
pode pescar. Fazendei-
ros não deixam. Quer di-
zer que os índios não
tem saída, não tem re-
cursos.



Eu mesmo fui jogado pra fora do Posto com minha família. O próprio chefe me jogou na rua. Eu, que tinha todas as minhas crianças encaminhadas na escola da Missão. Eu com essa idade, só pela coragem, posso tra-
balhar. Mas e minhas crianças que estavam com oportuni-
dade de aprender a ler e mais outras coisas, que eles ainda
são novos? Agora estou tirando minhas crianças para fora
da aldeia, onde estudavam. Também os remédios da Missão
que os índios tem de graça agora ficou longe. Ficou difi-
cultoso pra mim. Tomaram tudo que eu tinha lá na lavoura.
Eu tinha morada lá de 51 anos. Meu pai, Alegário de Sou-
za, o Fundador da Missão e do Posto. Nós sendo daquela re-
gião, fomos jogados fora da aldeia, com família e tudo.

Também eu queixo de quando eles me prenderam na Inspe-
toria, lá em Campo Grande. Eu assinei lá três papéis sem
que eles lesse nada pra mim. Eu não sei ler. Foi traição
que me fizeram. Provar uma palavra daqueles escritos eles
nao provam. Por hoje é só.

* Juruna Mário - Xavante, São Marcos:

É a primeira vez que estou assistindo Assembléia. Assembléia dos Bororo, Xavante, Tapirapê, Kaiapó, outras tribos e mais os padres, no meio de nós. Então, agora eu quero pedir a vocês: Aonde índio está sofrendo, vivendo a miséria, no lixo, a gente devia fazer força. Unir pra apertar mais o Governo de Brasília. Conversar com o Governo, lá em Brasília, até ficar madurando a cabeça dele. Porque se a gente não grita nada o Governo não resolve nada. A gente tem que gritar na cara dele. A gente não precisa ficar com medo. Governo é como nós. A gente vive no cerrado. Mas, o Governo estuda assim: estuda para aprender alguma coisa para poder tirar a coisa do outro. Ele nunca estuda para ajudar o próximo.

Nós estamos cansados de promessas do Governo de Brasília e de tudo quanto é promessa. Mas nós vamos continuar. Vamos brigar. A gente está amontoando as promessas do Governo. Governo pode acabar com índio, tomar conta da reserva do índio. Mas parece que agora ele não tem coragem pra matar índio. Então a gente precisa ter coragem. Nós confiamos em Deus, o Deus é Pai Grande, Deus é todo-Poderoso. Deus está acima de tudo. O Presidente pra mim não é nada. Então a gente quer discutir o problema do índio na cara dele. Nós não guardamos segredos. A gente tem que falar na cara dele, porque se a gente não fala, ele não resolve nada. Ele não resolve nada. Nunca pensa no problema do índio. Ele só pensa na riqueza do branco. Ele nunca pensa na riqueza do índio. Pra ele índio não é nada. Pra ele, índio não conhece terra boa. Ele pega índio assim e joga no lixo, onde a terra não vale nada.

E como o índio pode viver? Como que índio pode cuidar da roça? Onde tem areia pura, não dá mantimento. Onde tem terra boa dá muito bem. O índio passa muito bem. Índio deve caçar, deve trabalhar, deve cuidar da família, sustentar a família dele.

Tem outra coisa: a gente tem que ter cuidado sempre porque tem gente que faz crime com o índio. Governo não vai gostar daquele que fala verdade. Governo compra índio, e mesmo o Chefe dos Xavante ele compra. Ele dá uma coisa pra índio, pra chefe e diz: "olha chefe, toma um presente." Então, índio fica satisfeito. Índio volta alegre. Mas, e a

família dele? A turma dele, a gente dele? Como vai passar? A gente tem que vê pela frente e atrás, pra ver o que está faltando.

A Fundação Nacional do Índio é pra defender o Índio . Não é pra defender política militar. A FUNAI não é a Fundação Nacional do Militar. Militar entende o serviço dele. Ele não entende a natureza do Índio. Como ele vai tomar conta de tudo? Ele está criando muito problema. Ele nunca resolve, nem um dedo, nem um palmo. Não resolve nada. Ele vem fazendo promessa, amontoando promessa: "espera, vamos estudar, espere este mês, no fim do mês vamos resolver." Ele engana o Índio. Então a gente tem que ficar com coragem. Vamos brigar na cara dele. Depois se ele quiser matar Índio pode matar. Vira guerra. Acontece guerra aqui . Mas tem outros, acima do Brasil que tomam conta dos Índios, que são a favor dos Índios.

Nós, os Bororo, Xavante, Tapirapê, Karajá, a gente tem que ficar com coragem. Vamos defender o direito nosso, defender os direitos dos Índios. A gente não precisa ficar por baixo dele. Ele bate poeira em cima do Índio, Índio pra ele não vale nada. Então índio tem que conhecer muita coisa. Tem que conhecer vida do branco. Vida do branco tem muita sujeira. Vida do Índio é simples.

Nós precisamos continuar lutando. A gente briga na reserva. Continua brigando no prédio dele, na sala dele. Nós estamos sofrendo aqui, os mosquitos, os pernilongos morrem as pessoas, tem espinho. Ele senta em cima de cadeira bonita, troca gravata bonita, come bem e gasta dinheiro da nação. Esse dinheiro não podia ser dele, é da nação. De via mandar pros Índios de todo lugar. Ele compra chácara, compra carro bonito, compra fazenda. Ele anda de avião pra outro país onde não tem Índio. Ele gasta dinheiro do Índio. Então isso a gente tem que falar na cara dele. A gente não pode aguentar porque esse é contra nós. O Governo não resolve nada. A gente falando a verdade até dói. A gente tem que mexer na cabeça dele, até ficar madurando a cabeça dele, até onde a gente pode chegar.

Maurício Tupxi - Índio Iranxe

Você está dizendo e eu estou escutando aqui. Você está dizendo que aconteceu muita coisa. Mas, onde nós estamos ainda não aconteceu nada. Assim mesmo a gente está lu

tando pra defender nossa reserva porque como você estava dizendo, o branco está entrando em tudo quanto é canto mesmo. Em todo canto. O índio tem direito de defender onde mora. Índio tem força também. Se índio morre, gente branca morre também.

Nós viemos visitar vocês. Pela primeira vez viemos tão longe. Aqui tudo é nosso, somos todos irmãos. Viemos com o Tomás, de longe, conhecer vocês. Só isto.

Nicolao Tsererowe

Meus irmãos caríssimos, em primeiro lugar quero agradecer o convite que o Lourenço fez. Nós estamos aqui reunidos para discutir os problemas de nossas reservas. Em primeiro lugar queria agradecer às comunidades indígenas que estão aqui na nossa presença, aos salesianos e às Irmãs. Eles estão colaborando com os índios com ajudas que nunca imaginamos. Estão fazendo esse trabalho para o nosso bem, como a educação que é coisa útil.

Onde eu moro, Sangradouro, não tem nada de problema grave. Em 1973 foram dispersadas as pessoas que moravam dentro da nossa reserva. Agora estamos livres junto só com os salesianos, a Missão.

Eu também quero dizer que assisti algumas vezes reclamações em cima dos Salesianos. Pode até no futuro a FUNAI proibir os Salesianos de visitar os índios. Esta minha opinião deve ser percebida por todos nós: vamos ficar do lado dos Salesianos.

Também outra coisa: nós estudamos história do Brasil. As autoridades pensam que são estudiosos mas as vezes não são. As vezes são ignorantes que não entendem certas coisas. Se estudam História do Brasil deveriam reconhecer pessoalmente: os índios eram os primeiros que estavam morando aqui, quando Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil em 1500. Eles vieram, foram se aproximando e aconteceram as invasões que continuam até hoje. Mas, nós não podemos perder nossas áreas. Nós temos que lutar. Quem sabe um dia nós podemos ajudar os outros. Dar uma colaboração para se livrar dessa gente que fica judiando os índios. Eles não deviam fazer aquilo. Eles deveriam respeitar nós. É isso que estou dizendo para os senhores que estão aqui presentes.

* Joaquim Zalenzoe - Pareci

Nós nascemos pra isso, pra lutar. Não é de hoje nossa luta, é desde que o General Rondon chegou, em 1912. Primeiro que General Rondon amansou foi Pareci. Pareci índio Waimarê. Aí veio o fundamento da Inspeção. Com essa Inspeção o que aconteceu foi a perda da nossa imagem, da nossa nação. Natureza que via nós, nossa criação, perdeu todinho, perdeu todo. O que foi que perdeu? Perdeu a vida. Nós antes vivia no mato, vivia por conta. Comia tucura, comia lagartixa. Não tinha injeção.



O branco entra, tira aquele lugar, pega o índio e joga de um canto pro outro. Branco não pensa que somos todos irmãos. Ele não pensa essas coisas. Branco não tem idéia. Eles estudam, todos são estudados. Uns mais que os outros. Nós índios também estamos estudando. Isso eles precisam compreender.

Na vinda nossa agora, teve uma festa. Fizemos uma reuniãozinha magrinha. mas foi boa. Thomaz encaminha nós todos, não é de hoje. A missão jesuíta acabou. Por que aca

bou a Missão Jesuíta? O Utiariti? Isso que vocês tem que me declarar. O Thomaz ficou sabendo. Ele viu como que acabou. Se não fosse o Thomaz, o Utiariti hoje era fazenda. Ele está aguentando com nós. Nós temos que ajudar vocês todos. Se nós somos irmãos, nós temos que ajudar um ao outro. Nós somos índios, temos um fundamento. Civilizado tem outro fundamento. Isso precisamos compreender. Nós temos a terra onde nascemos, onde nós criamos. O branco não pode intrometer. Se intrometer, se entrar no meio, come flecha. Assim que nós vamos ser daqui por diante, meus irmãos. Daqui por diante vai ser assim: o branco pisou na porta de morar índio, pode tocar flecha porque ele vem com o mal, malandro, mal educado, é com malícia que ele vem.

Hoje em dia falam que estamos civilizados, mas não é verdade. Precisam compreender. Se tivesse outros brancos, fora os jesuítas e salesianos precisavam escutar, pra terem vergonha. Nós temos uma cabeça e eles tem outra cabeça porque são civilizados. Tem cabeça branca, tem cabeça careca, tem tudo, né? Nós somos outra cabeça, nosso pensamento é outro, não é como pensa o civilizado.

Como vocês estão dizendo, FUNAI hoje não resolve nada, nada, nada. Nós temos que resolver por nossa parte mesmo. Nós temos que corrigir por nós mesmos. Por isso nós vamos, daqui por diante, preparar flechas. O dia que branco entrar sem licença então, ele entra na flecha. Isso é que nós vamos pensar, isso é a base da nossa vida. Isso pra ver se nós conseguimos criar nossos filhos, meus irmãos. Tudo isso da onde que veio? Veio do céu e da terra, do céu e da terra. A terra criou nós e Deus criou a vida pra nós. É só isso por hoje, meus irmãos.

Cláudio Nenito - Guarani

* Outra queixa dos índios Kaioá, lá do Posto de Dourados: Ireno Isnardi foi capitão dos índios há 36 anos. Em 1972, chegou novo diretor do Posto e rirou o velho capitão da região. Os índios se revoltaram com isso, mas até hoje não foi resolvido nada, nada.

O novo capitão que tem lá no Posto de Dourados chama-se Ramão Silva Machado. Ele não tem mais sangue de índio. Ele tem todo apoio da Chefia do Posto e desandou a prender índio, pondo o índio pra trabalhar na lavoura de

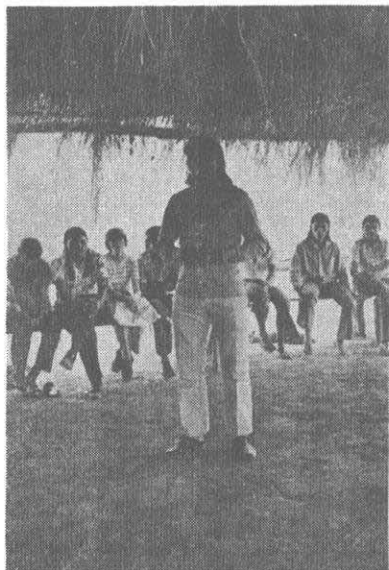
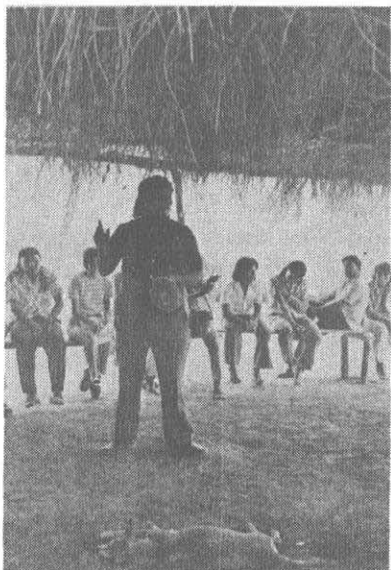
José Maria:

"Um dia vi uma porção de índios em Tenente Portela (RS). Estavam todos bêbados. Já cedinho e todos bêbados. Como se não tivessem assistência nenhuma, como gente desprezada" (p. 30)



Apoena: "Índio precisa continuar a ser índio. Nossa vida tem que ser conservada até a morte (p.22) Os índios devem ter liberdade para procurar seus irmãos" (p.27).

Nicolau: "Nós não podemos perder nossas áreas. Nós temos que lutar (p.14). Devemos dar uma ajuda ao nosso irmão Guarani" (p.48)



le. Então os índios estão fazendo queixa. Não é queixa - falso porque nós provamos. Mas até hoje não achamos uma - autoridade pra defender os direitos dos índios. Até morte eles já fizeram lá. Foi morto um índio chamado Martins. - Como o Martins não tinha família, não tinha ninguém por - ele, eles levaram o corpo pra uma delegacia, dizendo que aquele não era índio, que aquele era um paraguaio. E ficou como paraguaio, sendo índio. No dia que o Martins foi morto, pegaram um guri de 17 anos, pensando que era filho do Martins. Ele foi judiado, apanhou muito, a comida dele era salmore com fumo. Ele tinha que beber. Ele desapareceu da cadeia. Nós não sabemos pra onde ele foi. Isso já vai interar tres anos. Nunca mais ninguém teve notícia - desse índio que desapareceu. Ninguém sabe pra onde ele - foi, nem a autoridade. Está tudo quieto.

Esse novo capitão que está lá, Ramão Machado Silva, um dia, antes de ser capitão, esfaqueou um índio por detrás, e deixou o índio desacordado. Então, ele sumiu da - fazenda. Foi pra Pontaporã e serviu o quartel e depois - tornou a entrar na aldeia. Agora ele é capitão.

Um dia à noite, à meia noite, eles prenderam o índio Xisto Daniel. Prenderam ele e ele amanheceu morto na cadeia. Nós não sabemos como ele morreu, porque na cadeia a polícia toma conta, nós somos particulares. Nós viemos muitas vezes a Campo Grande fazer queixa e nada de melhorar, cada vez pior e está sendo pior.

Inácio Kaioli - Iranxe

* Gente branca criminoso mesmo, mesmo. Nós caçamos, matamos pra comer. Nós pescamos. Nós fazemos anzol e pescamos. Criminoso a gente faz porrete. Pega pau, porrete na cabeça dele. Gente que chega na aldeia, acabando com índio. Mas, nós não importamos com gente branca que não faz nada. Civilizado, gente branca traz pra nós facão, foice. Gente branca usa arma boa pra caçar.

Gente malandra chegava lá no nosso terreiro. Este - ano não chegou ainda. Lá na nossa reserva não chegou nenhum. Como os antigos fizeram, mataram e jogaram no rio. Gente nossa tem que fazer também. Nem enterrar. Pode jogar pra aproveitar, pro urubu comer. Não há respeito pelo índio. Gente branca não respeita.

Eu vim visitar os senhores pra conhecer, pra saber. Nós estamos lutando com mais força, lá na nossa reserva.

Brigando como os senhores estão fazendo. Eu vim de lá para pra visitar os senhores. E agradecemos porque nós comemos aqui nesse lugar. Eu vim de lá do hospital. Eu vim pra voltar com a minha criança, minha família, meu companheiro Luiz Carlos.

Paulo Tsaênova - Xavante

As Irmãs desde 1957 estão trabalhando conosco. Nós sozinhos, não dá certo. Não dá conta do problema da reserva, do fazendeiro. Os missionários estudaram bastante e conhece mais a vida aí, do sangue do civilizado. Então, nós reunimos. Nós sozinhos, não dá conta, nem da FUNAI, nem do Presidente. A nossa reserva saiu. Está demarcada, aprontada. Só isto. Duas palavras.

* Roberto Uariaguissavã - Nambikuara

Vamos falar um pouco. Meu povo, a mesma coisa. Vamos pedir terra. Nós vamos medir a nossa terra. País inteiro é do índio, é nosso. E não tem nenhum lugarzinho para o índio.

O outro (FUNAI), não importa. O outro diz: "mais adiante eu vou medir a terra", "eu vou fazer isso." Mas não faz.

Se eu pudesse eu media a terra. Mas, eu não posso. O pessoal não resolve nada, só mais adiante. O que vai resolver mais adiante? Mais adiante, ninguém mais está vivo. Nós vamos desaparecer tudo. Se nós descuidar da nossa terra, daqui a pouco desaparece tudo. Nós temos branco cercando nós, quer dizer nós ficamos no meio, num pedaço de terra. Não tem jeito de ir pra outro lugar.

Eu não sou chefe, não posso mandar. Eu sou criança. Mas, eu posso fazer, eu posso trabalhar. Por isso é que nós vamos medir a terra, medir a terra. Isso que eu falo. É só isso.

José Miguel Awatekãto'i - Tapirapê

* Nós estamos lá no Posto Tapirapê. Então chegou convite dos Bororo. Daí nós reunimos aqui, tudo índio. Nós vamos falar um pouquinho de como nós vivemos lá. A fazenda está apertando nós. A Codeara, a Tapiraguaia, tiram a área de nós.

Por que branco quis pegar, amansar nós? E depois que vai ser de nós no meio do branco, trabalhando no meio do

branco que quer tomar a terra da gente. E' pro Índio ficar sem nada, é pra acabar com o Índio.

O pai nosso, Deus fez esse lugar pra todo mundo. Aí - branco chega e diz: "olha esse terreno aqui é meu. Eu que fiz toda essa madeira, eu que fiz essa plantação". Mas o - pai nosso que fez a plantação, as árvores todas e todas as coisas pra nós. E depois o branco chega e acha que o Índio pode arrumar outro lugar, pode sair e arrumar outro lugar. Pra onde que a gente vai? Índio está no lugar que acostuma. Se vai pra outro lugar, na beira, na serra, no varzeão, lugar que não presta, está errado.

Então, esteve um padre lá com nós, o Padre Francisco - (Jentel). Era gente pobre. Padre novinho, negócio de 20, 25 anos. Ele ficava com a gente. A gente carregava coisa, ele também carregava. Ele não falava brasileiro. Era estrangeiro. Cada vez que brasileiro chegava lá, ele falava tudo atrapalhado. Era estrangeiro, não entendia nada. Então Padre - Francisco estudava português. Em 5 anos aprendeu português. Então, todo mundo estava gostando dele. Quando ele chegou, ninguém gostava dele. Era estrangeiro, não entendia brasileiro.

A Tapiraguaia quer tomar tudo. Quer dá só um pedacinho de cerrado que não presta não. Onde nós estava a mata era - boa. Dá toda coisa. Plantação de mandioca, banana, arroz, milho, feijão, batata, inhame. Toda plantação dava bem. Então chegou a Tapiraguaia e a gente ia ficar sem nada. Queriam que a gente fosse pra ilha do Bananal. Lá nós não ia achar nada. Nem peixe, nem caça, nada. Se um povo sai do lugar onde está acostumado, não é bom não.

† O branco diz: "olha, Índio não é igual nós. Vamos Tomar esse terreno dele porque ele não tem espingarda, não - tem metralhadora, não tem bomba, não tem dinheiro. Só tem - borduninha, flecha, só isso é de uso do Índio". Foi por isso que levaram o Padre Francisco. Policiamento chegou e os homens estavam no serviço. Só tinha mulherada na aldeia. Então, elas ficaram assustadas com a polícia e eles levaram o Padre. Até hoje nós sentimos falta dele porque ele era pobre que nem nós. Nós estamos com saudade dele.

Agora nós somos assim: uns ficam no meio da aldeia, outros ficam espalhados. O avião desce na pista, a máquina do branco corre na estrada. Então se querem brigar com a gente, nós fechamos tudo: a estrada, a pista do avião. Tudo fechadinho, pra eles não correrem atrás dos Índios. Então, um fi

ca atrás, outro na frente, outro fica no meio, outro lá no canto. Se passar algum, pra onde que ele vai?

Tudo pra branco é na base do dinheiro. Ele é maior que índio, tem muita munição. Mas nós também capazes de pegar - ele. Por enquanto estou falando só isso.

Manoel Noziū - Xavante

* Nossos irmãos índios estão sendo perseguidos, pisados. Nós somos desprezados e pisados. Nós ficamos debaixo do pé do branco. Isso é o que nós pensamos em nossa aldeia.

Nossa aldeia muito grande, muita criança, muitos homens, muitas mulheres. É quase 80, 100 crianças que nascem por ano. Por isso nós ficamos satisfeitos.

No mês de abril, eu fui lá pro norte, Suiá-Missu, sondar nossa aldeia velha. Lá fazendeiro não quer saber de índio. Então fui contra ele. Brigava com ele porque eu sei - brigar. Fui visitar nossa aldeia, ele sabe. Essa aldeia velha foi morada de meus parentes, meus avôs, meus irmãos. Fazendeiro é ladrão, roubou terras dos índios. Veio o Chefe da fazenda falar com nós. Eu falei: nós precisamos trabalhar aqui. Eu vim sondar nossa aldeia velha, pra lembrar. O fazendeiro tomou nossas terras, agora nós estamos reunidos em São Marcos. Ele respondeu: "aqui não tem serviço. Já mandaro todos os empregados embora porque não tinha serviço". Depois ele falou: "vou falar com o 3º Chefe". Daí o Dr. Adilson (fazendeiro) chamou e disse: "aqui não tem serviço porque não querem gastar dinheiro, quer dizer, serviço tem, mas não pra vocês". Então eu falei: "cuidado porque Xavante não brinca". Aí ele falou: "se os Xavantes vem pra cá me tocar pra Barra do Garça, eu atiro na cara deles". Então nós chegamos mais pra perto dele e dissemos: você é forte, você é fazendeiro e muito dinheirudo. E pegamos no braço dele. E ele falou: "Não, não, eu não brigo com ninguém. Eu amo os Xavantes, eu amo os índios, eu amo os padres". Nós falamos: cala boca mentiroso. E pegamos o revólver do bolso dele. Meus companheiros segurou os braços dele. Então, ele quis pegar o carro dele. Nós pegamos e empurramos ele pra dentro da cabine. O empregado dele chorava, chorava. Fizemos isso pro fazendeiro.

Nossos filhos estão aumentando, é preciso confiar em Deus. Eu agradeço aos Salesianos, aos Bororo, a todos os -

Índios das outras tribos. Eu não sei os nomes das tribos. Nós somos todos irmãos. Somos todos de sangue igual. Branco pensa que só ele é inteligente. Nós também somos inteligentes. Isso eu queria falar pra eles escutar.



Apoena - Chefe Xavante de São Marcos
(traduzido por Guido)

✱ Vim para essa reunião, convidado pelos Bororo. Índio - precisa continuar a ser índio. Conservar os cabelos. Não podemos imitar o civilizado. Nós não temos nada. Não temos dinheiro, nem carro. Mas, nós não podemos imitar o civilizado, cortar os cabelos. Nossa vida tem que ser conservada até a morte. Os índios devem se amar entre si. Não podemos ameaçar nossos irmãos. Nós queremos terras pra poder crescer e fazer progresso. Como podemos fazer progresso? Trabalhando e mexendo na lavoura. É isso o que os Xavantes querem. Estou satisfeito porque os Xavantes estão crescendo, aumentando.

A Funai faz promessa de indenizar fazendeiro, mas cadê? Nada. Mas nós ficamos com calma. Os Xavantes nunca mataram criação de ninguém. Assim mesmo o fazendeiro fala mal. Fala que foi o índio que matou. Por isso, nós precisamos ser firmes.

Angêlica - Kamuntsi, Iranxe

Nós viemos de longe. Minha criançada está aqui. Esse aqui chama Lourenço, essa aqui chama Alice, esse mais pequeno chama Moacir, esse José. Eu vou dizer algumas palavras. Não vou dizer muita coisa não. Nós viemos de longe - pra conhecer esses outros índios de todas as tribos que estão aqui. Eu pensava que não ia conhecer outros índios, outra gente. Quando eu ir embora eu vou dizer pros índios - que ficaram lá, dos índios que estão aqui. Eu não vou dizer nada da reserva. Nós moramos na nossa terra mesmo. A - nossa terra não ajuda muito não. A gente trabalha, trabalha. Nós passamos essas mesmas coisas que os outros índios passam. Eu não vou dizer muita coisa, eu vou agradecer bastante. Nós viemos de longe, nós estamos comendo, nós estamos ajudando vocês aqui. Quero agradecer bastante.

José Inácio, Araaxi - Iranxe

Eu vou falar alguma coisa aqui pra vocês. Como nós - viemos de longe, nunca pensava que encontra amigos tão bons como encontramos vocês aqui. Eu agradeço muito vocês que - fizeram comida pra gente.

Nós queremos ajudar vocês. Vocês estão passando mal - de terras. Nós ajudamos vocês, aqui como lá. Nós não somos diferentes, somos do mesmo sangue. Como vocês trabalham aqui, nós trabalhamos lá. Era só isso o que eu queria dizer pra vocês.

Inácio Kaioli - Iranxe

Nós bebemos garapa, chicha. Nós comemos biju. As vezes nós compramos arroz. Mas não acha falta. Nós bebemos - chicha de mandioca.

Eu não sei nada de marcar data pros senhores visitar nós. Não sei que mês dá pra ir visitar lá. É só isso minha companheirada.

Mário Juruna - Xavante

* Aqui nós estamos fazendo Assembléia. E agora, o que - eu vou pensar? A gente tem que lembrar o que está escondido.

Vamos contar o problema da Funai. O presidente do -

CIMI deve ajudar a nós. Deve falar com o Presidente da Funai, pra defender mais o direito do índio. Então nós podemos ajudar nossa tribo. A gente tem que gritar muito. Tem que chorar na frente do palácio até o Presidente ficar enjoado.

A gente tem que conhecer a vida do branco. A vida do branco é muito complicada muito chata pro índio. É muito difícil. Eu já lutei muito, já pelejei pra aprender a vida do branco. A vida do índio é mais simples. A vida do índio não é mentirosa. Não tem muita encrenca. Não tem sujeira.

Nós aqui, somos vizinhos dos Bororo. Vamos fazer força junto com Bororo. Bororo vai fazer força junto com Xavante. O fazendeiro compra o juiz de Direito. O fazendeiro compra a polícia. O fazendeiro compra a Funai. O Governo enjoa de ajudar o índio porque o índio nunca vota pra deputado na eleição. O índio não paga imposto. Então ele não se interessa pelo índio. Nós hoje não precisava sofrer tanto, podia estar passando bem. Se índio tivesse carro, ia visitar pessoalmente todos os postos.

A gente tem que ajudar os irmãos, ajudar quem precisa mais. Se fazendeiro mata índio, então nós matamos ele também. Mata na hora, porque nós não somos deputado dele, não somos polícia dele. Nós somos diferentes. Se o fazendeiro quiser tirar o sangue do índio, nós vamos matar na hora. O fazendeiro merece cadeia, vai pra cadeia. Por que a gente pobre, a gente boa vai pra cadeia? Não é bicho, é gente. O índio é mais civilizado que o branco. O branco mora na cidade, mas não é civilizado.

Governo devia olhar mais pro índio, mas ele olha mais pra mulher dele. O índio está sofrendo. Parece até que o índio é escravo, é empregado da Funai. Mas não é empregado não. Empregado da Funai é empregado do Governo.

Eu não aceitei tirar documento, tirar certidão, tirar identidade porque com documento você não é mais índio. Você não tem mais direito de falar com o Governo de Brasília, não tem direito de gritar na frente do palácio dele.

A gente sofreu muito, até chora o meu coração. Lá no Suiã-Missu foi tirada a terra do índio. Era plana, era terra boa. Mas o Governo tirou o índio e botou ele no brejo, onde tem maleita, onde a terra não vale nada, onde não dá mantimento. O governo costuma tirar terra do índio.

Os KrenhaKarore, no Peixoto de Azevedo, eram mais de 500 índios. Eu pedi pra Funai me deixar chefiando lá, mas

a Funai não deixou. Então eu falei pros Krenhakarore: vocês vão ver, vocês vão perder a terra mais tarde. A Funai disse: "você não vai ficar aqui não, pode voltar pra sua aldeia. Você defende os direitos dos índios, lá. Aqui nós tomamos conta. Nós defendemos os direitos dos Krenhakarore. Então eu falei pra Funai: nisso eu não vou acreditar. Os Krenhakarore mais tarde vão acabar. Eu falei isso e mais tarde os Krenhakarore foram levados para o Parque do Xingu.

O que o Governo fez com os Krenhakarore foi a mesma coisa da gente matar outro. Essa aldeia era o lugar da saúde dele. Ele já acostumou com a aldeia velha. Na outra aldeia não está acostumado. Vai morrer lá. Vai deixar a aldeia. Governo podia respeitar a aldeia do índio. Onde tem aldeia do índio, a terra é dele. Outra coisa: pra lá de Manaus, gente tá abrindo estrada e índio Atroari vai acabar. Mesma coisa!

Quando a gente fala a verdade dói pro Governo. Aquela gente vai mentindo pra ele e ele fica até contente. Mas a gente vai falar na cara dele, ele não vai ficar satisfeito. Qualquer coisa ele bota a gente na cadeia. Mas ele nunca botou gente rica na cadeia. Muita gente rica merece a cadeia. Assim eu já fiz em São Marcos, levantei guerra aqui. Tirei Otacílio (fazendeiro) na marra.

Otacílio mata posseiro, toma roça do outro, mata gado do outro. Então quando eu fui pra Brasília falei pro Costa Cavalcante:

- Olha, o senhor é ministro. O senhor não pode dar jeito no problema do índio? Deve resolver qualquer coisa.

- Olha Mário, fazendeiro é muito rico. Vamos esperar. Mais tarde vamos tirar.

- O senhor não é Ministro? O senhor não é militar? Como o senhor pode falar um negócio desse? Está mentiroso deste jeito? O senhor sabe, hoje particular não manda. Quem manda é militar. Cuiabá é militar. Campo Grande é militar. Brasília é militar. Como é que não resolve nada?

O ministro ficou quieto e depois me prometeu:

- Eu vou mandar, dia 16, uma comissão para lá.

Aí, eu esperei dia 16, a comissão. Aí, então, 16 e nada. Depois veio outro mês, outro mês, e nada. Aí então, fiquei enjoado. Ajuntei 200 guerreiros pra tirar fazendeiro. Então nós tiramos fazendeiro. Tiramos geladeira dele. Tiramos arroz dele. Esse arroz já estava tomando muita chuva.

Aí depois, Otacílio comprou a polícia de Barra do Garças. Veio polícia militar, veio capitão até, e eu falei na cara dele:

- Olha, como você chegou até aqui? Antes você nunca visitou São Marcos. Você nunca defendeu a vida desses índios. Por que você está chegando até aqui? Será que você foi comprado?

Ele respondeu:

- Não, o Governo me paga. Graças a Deus nenhum fazendeiro precisou me pagar um quilo de carne. Quem me paga é o Governo de Cuiabá.

Então eu falei pra ele: - Safadeza de polícia. O fazendeiro até compra polícia. Você não tem direito de falar aqui no centro da aldeia. Você não pode mais entrar aqui com arma de fogo. Próxima vez eu te tomo arma de fogo.

Ele respondeu:

- Não, eu sou polícia militar. Eu posso andar em qualquer lugar, lá no Palácio do Presidente, do Governador do Estado, todo lugar eu posso andar.

Então, eu falei pra ele:

- Se você quiser, pode andar no palácio. Aqui não. Aqui deve respeitar a aldeia. Próxima vez eu te tomo arma de fogo.

Então é isso, eu nunca penso em ficar medroso pra gente grande. Nós que somos adorantes de Deus, somos homens pequenos. Por



que ficar com medo do Presidente, do Ministro? A gente - confiando em Deus não fica medroso não. A gente deve ter fogo no coração. Ficar com coragem. Então, qualquer dia o Governo solta a mão. Deus castiga e ele entrega a terra.

A gente tem que lutar unido. A gente de São Marcos ajuda Bororo. Sangradouro ajuda Bororo. A gente não precisa lembrar aquele passado que foi briga. Hoje vamos ser unidos. Porque se a gente for contra Xavante, contra Bororo, a Funai vai dizer: "olha, os índios estão brigando". A gente tem que fazer amizade, isso é importante.

Apoena - Xavante (traduzido por Guido)

* Os Bororos convidaram os Xavantes de São Marcos e - Sangradouro, e outras tribos para a reunião. Eu gostei de ter vindo. Nas outras reuniões devem também vir a criança da dos Bororos, de São Marcos também.

Nós devemos continuar procriando. Os missionários es - tão colaborando conosco. Os missionários não ensinam o ín - dio a desaparecer. Ensina o índio a progredir, a crescer.

Que está fazendo a Funai? Está fazendo muitos enga - nos aos índios. Promete: "vou dar terra". Cadê? até hoje nada.

Devemos convidar os índios que vieram de longe pra - conhecer nossas aldeias. Não devemos fechar as estradas - onde os índios passam. Não podemos viver no cativeiro. De - vemos ter liberdade. Os índios devem ter liberdade para - procurar seus irmãos.

Mais tarde, vamos também fazer reunião lá em São Mar - cos, e todos estão convidados a ir lá.

Os Chefes devem estar sempre de olhos abertos, não - dormir. Defender os missionários das acusações dos fazen - deiros e da Funai.

Nicolau Tsererowê (referindo-se ao discurso de Apoena)

Ele está pensando pro futuro convidar todos os ín - dios para uma reunião, lá na aldeia. Pra mais tarde. Não - sei quando ele vai convidar. Vamos esperar o convite pra essa reunião, lá de São Marcos. Ele está pedindo também - que se alguma questão não estiver dando certo, tem que fa - zer comunicação pra um grupo ir ajudando outro. Se alguma coisa não vai indo bem é pra avisar oportunamente a gente

pra uma tribo ir ajudando outra.

Ele está fazendo uma saudação pra todos os Salesianos que estão aqui presentes. Ele está fazendo uma saudação dizendo pra todos defender os missionários. Lá na reunião de junho, em Cuiabá fizeram reclamação contra os Salesianos(a Funai). "Minha voz está do lado das Missões, dos Salesianos". Essas as palavras que ele deixou para os senhores.

Chico Kãorewjngi - Tapirapê (traduzido por Tsãawatsco wi - José Antônio)

Vou Dizer pra vocês como ele falou. Falou assim: "Nós trabalhamos muito. Nós temos muita roça. Quando saímos de lá (para vir à reunião), um fazendeiro chegou lá com escrita, só com desenho pra dizer que é documento do terreno (da área dos Tapirapê). Mas era só mentira. Eles trouxeram dizendo que Tapirapê são crianças. Nós não somos crianças. Criança não sabe de nada. Então ele vai lá e pega as coisas de quem não sabe de nada e fica com elas.

Tem uma estrada lá pra consertar. A Funai falou que ia mandar consertar, mas até agora não fizeram nada. Então, os Tapirapê mesmo querem fazer essa ponte. Não acreditam mais na conversa da Funai.

A Funai traz a Sudam pra tirar o terreno dos Tapirapê. A Funai ajuda mais a gente rica. Gente pobre, ela não ajuda nada. Ela podia ajudar gente pobre. Podia deixar gente rico trabalhar sozinho lá na fazenda dele. Podia fazer isso. Mas ela ajuda mais gente rica. Gente pobre, ela deixa pra fora.

Nós temos lá um terreno muito pequeno, parecendo um grãozinho que fica no meio da praia. Tem muito fazendeiro lá e nós ficamos lá no meio".

(29 DIA)

Chibaewororo (Lourenço Rondon) - Bororo

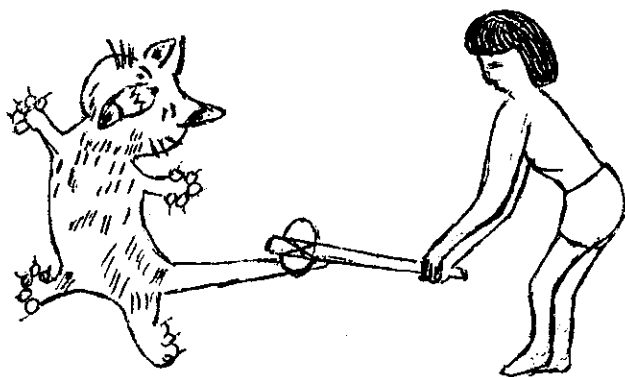
Hoje queremos dar liberdade pra todos, inclusive os Bororos, se quiserem falar, podem falar. Queremos também ouvir as donas parecis, irantxes. Queremos ouvir a todos. Quero lembrar que não devemos sentir vergonha um do outro. Somos todos irmãos. E estamos aqui pra entrosar melhor. Estamos demonstrando as nossas dificuldades, as angústias que sentimos. Estamos apresentando os trabalhos que esta-

mos fazendo e o que vamos fazer: no campo do trabalho, no sentido da agricultura.

Nós temos aí, a palavra livre, pra quem quiser.

Cláudio Nenito - Guarani

* Então eu ainda vou falar um pouco, em nome de todas as tribos, de todos os índios do Brasil, que nós somos todos irmãos. Quando o Brasil foi descoberto, antes da civilização entrar, acharam aqui bichos do mato, flores do mato e encontraram também os índios. Então a civilização chegou. Os homens falam que a onça é o rei dos bichos. Eu acho



O REI DOS BICHOS ERA O ÍNDIO

que não, a onça não pode ser o rei dos bichos. O rei dos bichos foi o índio mesmo. O índio vivia, se alimentava pela mata. Então a civilização entrou. Lá onde eu moro, estão acabando com o mato. Estão vendendo a madeira. Quer dizer, o alimento que nós tirava da mata, a gente não tem mais. Outra coisa, lá onde moro, o Capitão não fala nem a língua dos Guarani, nem a dos Caioã. Quer dizer, não podia pôr um capitão que não fala a língua dos índios. Lá índio tem apanhado amarrado.

Eu nunca tinha visto uma aldeia como esta dos Bororo. Os Bororo aqui têm liberdade.

José Maria Mano Kurireu - Bororo (Sangradouro)

Desde ontem estamos reunidos aqui. Qual será o motivo dessa reunião? Alguém sabe dizer qual é o motivo? Acho que todos devem saber. Aqui tem seis tribos. Eu desejava que fosse muito mais. Mas, assim mesmo é o começo. Agora, qual será o motivo dessa reunião? Acho que não foi pra alguma bravura e valentia. Acho que não é esse o motivo. A finalidade da reunião serve pra nós e pra todas as pessoas que

existem no mundo.

Eu faço votos que todos os índios sejam mais elevados. Não nas indústrias, nos negócios, que isso acaba com os índios.

Nós estamos divididos em tribos, mas temos um só Deus pra acreditar. Pode ter duzentos e tantos milhões de tribos, mas só temos um Deus pra adorar, pra acreditar. E acreditando nele, nós temos uma boa união. Uma boa harmonia em qualquer lugar que chegamos. Em qualquer tribo que chegamos estamos em paz, porque somos todos irmãos.

Nós podemos ser várias tribos, mas temos que ajudar uns aos outros.

Um dia, eu andei pelo Sul, era cedinho, seis horas da manhã, eu vi uma porção de índios em Tenente Portela (RS). Quando viram nós, chegaram, se encostaram, conversaram. Estavam todos bêbados. Já cedinho e todos bêbados. Como se não tivessem assistência nenhuma, como gente desprezada. Aqui, os missionários não deixam que os índios bebam. Beber faz acontecer coisas que não prestam. Faz desunião. Temos que evitar certas coisas pra ter mesmo uma verdadeira união entre nós, entre todos os índios.

Quem não deseja a paz? Ninguém pode dizer que não gosta da paz, não gosta da felicidade, não gosta da alegria. Todos gostam. Todos apreciam. Esse pequeno terreno nosso aqui, quanto trabalho já deu! Está com quatro anos que eu vejo esta luta, e ainda sem nenhuma solução... Agora vocês devem pensar: tudo é fácil quando a gente quer. Mas tudo se torna difícil quando a gente não sabe como se deve fazer. Este é o ponto principal pra qualquer solução que desejamos.

Devemos agradecer os missionários que estão conosco. É nosso dever ter reconhecimento. Os índios que estão com a Funai se queixam pra nós: aqui nós não temos liberdade, não podemos sair, somos presos. E perguntaram: E vocês, lá com os padres? Eu respondi: lá tem a missão, mas nós não somos cativos. Somos livres. Saimos o dia que quiser e voltamos.

Inácio Kaioli - Iranxe

Nós viemos aqui pra visitar. Tudo amigo.

Nós nunca faz nada pra gente branca. Mas gente branca sempre acha alguma coisa pra fazer malvadeza pra mim e

pra minha companheirada: parsi, cabixi, nambikuara.

A gente pede ajuda a Deus pra dar saúde aos nossos - filhos. Pra sustentar, nós trabalhamos, plantamos alguma coisa.

Este lugar aqui, Meruri, é muito bonito. Assim é que nós precisamos. Mas igual a este, muito bom, gente branco já tomou.

Eu vim aqui pra visitar os senhores. Eu trouxe minha família. Tudo muito bom. Tudo bonito. Tudo índio.

* Joaquim Zalenzoê - Parsi

Eu vim de longe pra visitar, dar uma chegada nas suas aldeias.

Vamos levar nossa vida, comportar na nossa aldeia. Vamos levar nossa família no caminho. Vamos ajeitar tudo, que nós não somos civilizados. Nós somos índios. Nós somos um sangue só. Cada tribo fala uma língua, mas nós não somos inimigos. Somos unidos na amizade. Como consideramos nós assim, consideramos também todos os povos.

Deus deu distribuição de nós, isso precisamos compreender. O começo do mundo foi assim: Bororo nasceu da - flecha. Civilizado nasceu, saiu da pedra. Quem deu geração foi Quitirorê. O mundo não foi feito num só dia. O índio nasceu ali. Onde o Índio nasceu, a terra é dele. Nós estamos aqui reclamando terra. Vamos fazer união, vamos - ver como vamos viver.

Nós não falamos mais como nossos avós, nossos pais. Esquecemos nossa língua. A finalidade do nosso povo acabou. Acabou. Ficamos assim descontrolados. Uns levam vida de passarinho. Outros vida de bicho do mato. Assim que - nós ficamos. Perdemos o nosso começo velho.

Otília - Morezoerô - Parsi

Eu vou falar uma palavrinha, o pedaço que eu sei falar. Eu não sei falar muita coisa como as outras pessoas. Nós fizemos viagem de muito longe pra conhecer vocês todos e pra vocês conhecerem a gente também. Nós vamos agradecer vocês muito. Só isso que eu vou falar.

Rosalina Zokaenzaerô - Paresi

Amigos, aqui estou presente para dizer umas coisinhas. Agradeço muito ter conhecido vocês. Vim de longe. Agradeço o Thomaz que trouxe nós até aqui. Agradeço muito vocês, não sabia que vocês eram tão bom assim. Agradeço tudo a vocês, de coração. Peço a Deus pra ajudar vocês. Muito obrigado. Até outra oportunidade.

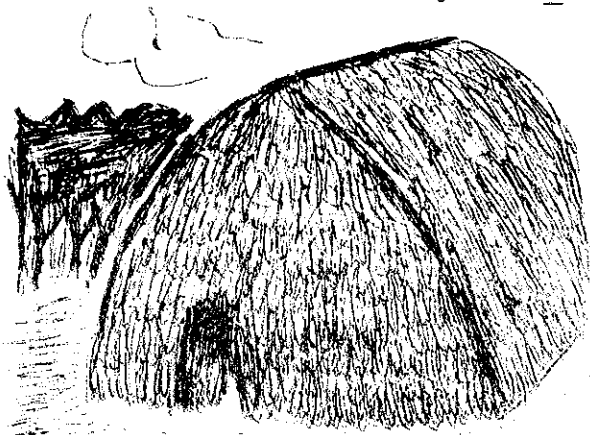
Nicolau, Tsererowê - Xavante, Sangradouro

Estou muito satisfeito de conhecer os amigos salesianos que estão aqui no meio de nós, e os amigos Bororo também. Quero dizer alguma coisa, um assunto muito simples. Quero demonstrar meu agradecimento aos missionários e às irmãs que trabalham no meio de nós.

Nós também não podemos estranhar se falamos diferente um do outro, nós temos que seguir unidos.

* Deolinda, Uarezokaerô - paresi, Sacre

Em primeiro lugar queria mostrar minha família: Zelinda, Nair, Adelaide, André Xinhama - nome de maloca. Eu quero também dizer algumas palavras. Eu estou com um pouco de vergonha, porque nunca falei assim, né? Mas, eu não posso ir embora, sem dizer algumas palavras. Eu quero agradecer muito todinhos que estão aqui. Foi o capitão que escolheu nós pra representar a tribo paresi. Aí nós viemos de longe. Quero agradecer vocês todinhos, começando desde lá do Sangradouro. Não sei, fiquei tão comovida! Gostei demais. Eu nunca pensei que ia encontrar tante gente que soubesse vir de braços abertos pra gente. Eu nunca pensava vir aqui. Gostei demais aqui do povo. Viemos de longe conhecer as tribos: Xavante, Bororo, Tapirapê, Guarani. Todos esses eu vim conhecer. Eu voltar pra minha aldeia e vou dizer o que vi aqui. Eu não sei dizer da minha reserva. Eu só sei que minha turma é pouca. Tem um pouco de Paresi lá em Cuiabá, um



pouco prá lá um pouco prá cá. O que nós comemos aqui, nós comemos lá. Não é melhor que os outros não. Todos nós índios temos as mesmas coisas. Não tem diferença de nada. Eu não tenho mais o que falar porque de reserva eu pouco sei. Eu quero deixá meu agradecimento por tudo que fizeram prá nós, porque, olha, dar comida pro povo que veio, é um pouco pesado!

André Xinhama - Paresi, Sacre

Eu também vou falar, mas não tenho muita coisa pra dizer. Agradeço muito vocês, porque nós viemos de longe pra se encontrar aqui. Esse lugar é muito longe, né? Fiquei muito contente com vocês aqui. Eu quero agradecer vocês muito.

Lourenço - Bororo

Já ouvimos muitos problemas que cada um tem na sua própria área. Já foram lançadas muitas propostas de como devemos fazer, agir pra ver se alcançamos algum resultado nessa questão de terra.

Como sabemos tem muitos padres que estão sofrendo e lutando conosco, pra que possamos vencer todas estas questões em que estamos pelejando. Como sabemos, a verdade dói para o Governo. Então o Padre Egydio, o Padre Iási e o Dom Pedro estão sendo acusados. O Governo decretou a prisão pra eles, se eles pisarem em área indígena. Muito ridículo isso. Não vi ainda esse motivo pra que eles tivessem pena de cadeia. O interesse deles é fazer o bem pra todas as comunidades indígenas. Não sei porque o Governo acusa e assina esse decreto, dando a eles pena de cadeia.

Logo depois dessa reunião, deverão ir alguns Tapirapé e alguns Paresi à Brasília, se os Xavante fiverem condições. O Mário e o Nicolau vão também. Fazer, lá, uma queixa de todas as tribos que estão aqui presentes. Saber se eles tem motivo pra dar essa pena aos padres. E tratar das reservas também, que é o problema que precisa ser resolvido mais primeiramente. Sem terra não podemos viver tranquilos.

Queria também lançar idéia, se servir... o que nós estamos fazendo em nossas aldeias, o que pretendemos fazer, podemos apresentar também ao Governo. Eles, em geral, falam que o índio não faz nada. Que só presta pra beber pinga, mas na verdade podia ser diferente.

Agora tem muito Bororo querendo falar. Podem falar, as mulheres também. Nós precisamos ser mais entrosados, não acanhados. Vemos exemplo aí: a mulher paresi falou com tanta simplicidade. Acho que todos deveríamos ser assim também. Lançar aquilo que pensa, não ter vergonha de nada.

* Eugênio Rondon - Bororo

Os meus amigos estão aqui reunidos. Infelizmente é pouca tribo. Mas pode comunicar, comunicaram a nossa reunião do ano passado, em Diamantino - pode comunicar essa reunião para outras tribos. É bom então publicar.

Tem figuras que estão aqui, gente que estão lutando por nós. E não só eles. Tem outras que estão ausentes, que vocês não conhecem. Eu conheço. Por intermédio do CIMI, conheci alguns deles que estão muito longe, lá no Maranhão, Pernambuco. Eu conheço vários deles que trabalham a nosso favor. E como falava o mano esta manhã, é justamente isso que temos que reparar. Reparar de onde recebemos benefício, de onde recebemos instrução. Estamos dispostos a se sacrificar por um missionário, se acontecer alguma desgraça com ele. Tive notícia de que um teve pena de dez anos de cadeia em Campo Grande, por causa da questão do índio. Por causa da questão de terras. Estamos dispostos a arrancar as unhas por quem nos faz bem.

O Governo não resolve a questão de terras, das reservas dos índios. Se fosse um bom governo já tinha resolvido. Se o Governo desprezasse o ouro, o dinheiro, isso não era problema pro governo. O índio sofre necessidade e esse Órgão goza de dinheiro pra montar fazenda, montar riqueza, embolsar loja. É isso que este órgão está fazendo. Se o Governo não der jeito, somos obrigado a recorrer lá fora. Está chegando o ponto da gente falar lá fora. E nós temos toda a liberdade. Ninguém nos impede. Nem que vamos ser fuzilados, mas somos obrigados. Por que? Porque no Brasil não tem autoridade nenhuma que ajuda ao índio. É isso que dá malícia pro índio que tanto tempo está chorando, tanto tempo está implorando, pedindo o que é dele, o que lhe pertence por natureza. E não precisava ser tanto.

E se pra nós está sendo difícil, o que será dos nossos irmãos que andam espalhados de 20, 30 famílias? A nossa aldeia conta com 300 pessoas. Os Xavante são 800 e pouco. E como está sendo difícil! Mas, eu me compadeço mais, é desses nossos irmãos que chegaram de Diamantino. Acredi-

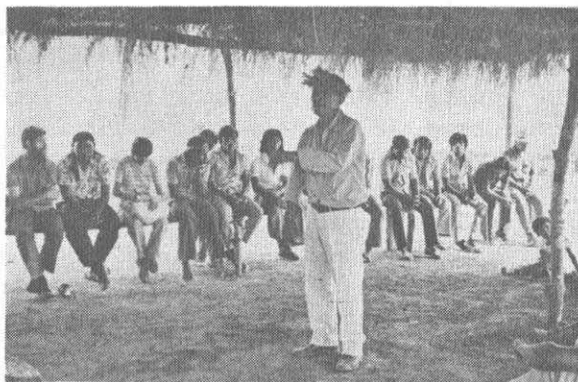
to que não tem aldeia grande como a nossa. Não é irmão? Vocês não estão espalhados? Lá em Diamantino, alguns se queixaram: gente da mesma tribo anda espalhada, 20, 30 famílias no mato. Eu pedi pra eles que chamassem as famílias, que formassem uma aldeia grande, que se juntassem. Daí nasceria a força pra eles. Daí eles teriam forças pra se queixa-



rem perante o Governo, perante a FUNAI. Assim esparramados não tem força. Precisamos chegar a isso, gente. Trabalhar mais junto, mais unido. Vocês estão lá, mas nós estamos com a idéia também lá. Outro está aqui, mais pra baixo, e nós estamos com o coração também ali. Tem outro, lá no Sul. Nós sabemos a questão que estão passando, e nosso coração também está lá, acompanhando.

E assim é que tem que ser. Nós temos que trabalhar todos juntos. Acompanhar com o coração a situação um do outro. Vamos dar as mãos nessa questão de terras, como estava falando o Apoena, esta manhã. Acredito, que se dermos as mãos para os nossos vizinhos de São Marcos, Sangradouro, já é mais uma força que nasce pra nós.

Agora nesse ano conseguimos uma maquinaria. Fomos a Cuiabá e pedimos lá pra Companhia. Se Deus quiser, chegará essa semana. Mas, não é obra da FUNAI, não é obra do Governo. Uma sorte! Achamos um bom amigo em Cuiabá que se prontificou pra fazer esse serviço pra nós. Pedimos um tratorzinho dele pra lavrar um pouco de chão pra nós. Então futuramente, começaremos a mecanizar um pedaço do cerrado que fica vizinho à Colônia. Se Deus quiser, cada ano queremos dar mais um passo. Este ano fizemos mais roça que no ano passado. Se Deus quiser, futuramente vamos ter mais fartura que esse ano. Então, meus amigos, nós devemos nos encorajar. Tanto Xavante, como Bacairi, Iranxe, Paresi, todo mundo. Nós temos que trabalhar com o Capitão Mário, esperto que só ele. Capitão Inácio, Nicolau. Esses já solaram um pouco nas autoridades. Nós somos mal vistos porque dizemos a verdade, não escondemos nada. Nada não. O que dói pra nós, nós falamos. É só o que tinha pra dizer. Vou dar lugarzinho a outro.



Cláudio Nenito:
"Lá onde eu moro ,
estão acabando com
o mato. Lá índio
tem apanhado amara-
rado... (p. 29).

Mas até hoje não
achamos uma autori-
dade pra defender
os direitos dos
índios" (p. 18).



Inácio Kaioli:
"Nós nunca faz na-
da pra gente bran-
ca. Mas gente bran-
ca sempre acha al-
guma coisa pra fa-
zer malvadeza pra
mim e pra minha
companheirada: pa-
resi, cabixi, nam-
bikuara" (p. 31).

Maria Angélica:
"Quero agradecer
bastante"



Deolinda:
"Gostei demais aqui
do povo. Eu voltar
pra minha aldeia e
vou dizer o que vi
aqui" (p. 32).

André:
"Fiquei muito con-
tente com vocês a-
qui. Eu quero agra-
decêr vocês muito"
(p. 33).

Dotororis - Xavante (traduzido por Guido)

* Nós não queremos coisas que a FUNAI oferece, principalmente materiais: armas de fogo, roupas e outras maquinarias. Nós deixamos pro lado. Nós deixamos de lado. Nós pedimos primeiro a terra, onde a gente pode procriar, onde a gente pode crescer. Mais tarde se a terra está entre gada aos índios, aí sim podemos pensar em outros materiais.

Quando os Bororo chegaram em Meruri, em 57, tinha - poucos Bororo. Agora, as crianças, os moços e as moças estão aumentando. Estou contente.

Os irmãos que estão espalhados em outros lugares, de veriam se reunir numa aldeia sô, pra viverem juntos, como nós, como os Bororo, como os Xavantes. Sempre unidos, sempre de acordo.

Este terreno, os civilizados falam sempre que não é dos índios. Qual a prova de que esse terreno é dos Bororo, é dos Xavantes? Qual a prova? Ver as aldeias velhas que já existiam no tempo dos nossos avôs, ver cacos de barro. Essa é a prova. Os nossos avôs andavam em todos os lugares aqui. Lá no Rio das Mortes, além do Rio das Mortes, não havia civilizado. Como então, os fazendeiros estão invadindo cada vez mais, fazendo grande invasão? Os índios veio expulsados de Goiás, de São Paulo. Veio afastando, afastando. Então aqui, sô os índios andavam. Poxorêu tinha civilizados. Em Barra do Garças tinha poucos. Depois o SPI vendeu terras dos índios. Se o índio não estivesse dormindo, isso não tinha acontecido. Não podemos desanimar. Eu vou morrer. Todo mundo vai morrer. E mais tarde? Nossos filhos, nossos netos vão sofrer a mesma que nós estamos sofrendo? Nós precisamos pensar no futuro. Pra nossos filhos passarem bem, crescendo, aumentando.

Vamos trabalhar como os Xavantes de São Marcos estão trabalhando. Todos os dias vão pra roça, levam machado - nas costas, as mãos ficam doendo. Nosso trabalho é bem duro, bem duro. Não podemos dormir. Admiro também esta roça que os senhores estão fazendo. Assim está bem, as crianças crescem, aumentam.

Noziũ Manoel - Xavante

* Não sabia de Couto Magalhães, do Simões Lopes não, da aldeia nova que tem lá no Juruena. Lá embaixo tem duas al

deias. É fácil ajudar eles. Os Tapirapê, os Paresi, esses são mais difíceis pra ajudar. Como nós vamos ajudar eles, na hora que precisam? Nós não temos carro, nem avião. Aqui perto, Meruri, São Marcos, Sangradouro, muito fácil pra nós.

Em Meruri, fazendeiro briga com Bororo, a gente vem logo a pê, chega no mesmo dia. Mais fácil. Mas que dirá - com Tapirapê? Como nós vamos ajudar? Muito difícil. Hoje de noite estou pensando nisso. Fiquei triste. Como nós vamos ajudar nossos irmãos?

Amanhã vamos refletir. Qual é o pensamento? Vamos es colher o pensamento bom que vamos espalhar pra nossas tri bos. Um pensamento que diz o que vamos fazer. Ainda não - fiquei satisfeito porque ainda não encontramos o pensamen to reto, a força. Mas até amanhã nós combinamos. Não é di fícil soltar nosso pensamento para as outras pessoas. É preciso escolher o pensamento certo para soltar e aju dar os outros companheiros.

Tsererowê Nicolau - Xavante - Sangradouro

Ontem eu passei de carro com o padre Rodolfo e o Lou renço, vendo essas roças todas que vocês fizeram. E fi quei muito admirado de ver e fiquei muito satisfeito com isso. Levarei algumas notícias daqui, do que estou vendo, para onde eu moro, para o meu grupo.

Eu fiquei com pena de escutar, com dô mesmo, o que o Lourenço disse sobre as proibições que estão fazendo pa ra os missionários. Quando nós chegamos aqui eles defende ram os índios dos fazendeiros que queriam acabar com os índios. Tantas vezes eles correram para as autoridades e defenderam os índios. Acho que nós temos que agradecer is so espontaneamente no coração. Os senhores que estão aqui presentes tiveram oportunidade de conhecer estes índios que vieram de longe, nossos irmãos.

Nós entendemos que essa reunião é feita para que a gente ajude os outros com a nossa idéia. E para lutar pa ra o nosso bem, para o bem da comunidade indígena.

Uritegukissauã - Paulito Nambikuara (traduzido por Roberto)

Cada tribo não é diferente. Civilizado é branco, é preto. A gente não, é a mesma coisa. Cinco dedos, mais duas pernas, linda coisa, né? Antigamente eram muitas pes

soas, mas civilizado acabou com elas. Agora está aumentando.

Qualquer pessoa, esses dali, são nossos amigos, porque foi Deus que fez nós. Deus fez o mundo inteiro. A terra. Luz no mundo inteiro.

Quando chegar em casa, conto notícia da reunião pra minha turma.

Txingui - Celso, Bororo

* Eu vou dar minha palavra também. O que nossos irmãos capitães disseram pra nós todos, não é errado. Nós Bororo, nós Xavante e todas as tribos que estão aqui falando de suas ciências, é uma coisa muito penosa para certas aldeias (que já não podem fazer isso), principalmente as aldeias do Sul (de Mato Grosso).

Nós temos que se unir conforme falou o Capitão Eugênio. Eu soube também que a FUNAI está querendo tirar os missionários salesianos, querendo separar os índios. Isso são coisas que não aceitamos, nem aceitaremos. Nem os Bororo, nem os Xavante.

Somos todos irmãos. Todo os sofrimentos, todas as iniquidades eu sofro pelos outros. Não só pelos índios. Através de Deus, todo o que é gente, todos somos irmãos. Mas defendendo as nossas áreas, nós nos diferenciamos dos brancos.

Nós temos que fazer força com o coração e o espírito para ajudar esses nosso irmão que estão perecendo por aí, longe de nós. Vamos trabalhar pra sermos unidos. Irmãos de coração. Não só com palavras, mas com obras. Só assim Deus ajuda nossos defensores. Vamos levar nossas mentes pra cima para que Deus ajude nossos capitães. Os capitães dos Xavante, dos Bororo e de todas as tribos do mundo.

João Batista - Bororo, Sangradouro

Eu vou dizer algumas palavrinhas, fazer um agradecimento a todas as tribos, aos índios que aqui vieram. Tudo o que os Chefes: Lourenço, Eugênio Rondon, o Mário e outros também disseram, foi bom demais.

Quando o Brasil foi descoberto, já tinha habitantes que eram os índios. Era nós. Era nós. O Brasil foi uma glória para os portugueses. Brasil era uma beleza, um co-

losso de riqueza, de mina. Brasil, uma nação gigantesca perante outras nações. Assim pensava os portugueses.

Hoje, o Brasil está num progresso que é uma beleza. De ano pra ano, o Brasil está progredindo. Mas, entretanto, coitados dos índios brasileiros! Estão sofrendo. Estão sofrendo. Quanto mais progresso do Brasil, mais os índios estão sofrendo. Nós estamos oprimidos. Não tem mais aquele ar que o índio gozava pra lá, gozava pra cá. Onde pescar, onde caçar. Brasil está progredindo mesmo. Progresso avançando e os índios estão oprimidos.



Outro dia, muito tempo atrás, chegou FUNAI lá em casa. Veio com o compadre Eugênio. Chegou lá em casa, e disse: - João Batista, vou fazer uma pergunta pra você. Como é que esses padres, essas freiras, tratam vocês?

Eu respondi: Olha, Seu FUNAI, se não tivesse existência de missionário aqui, que trabalhasse entre os índios bororo, hoje não tinha mais figura de índio bororo. Assim falei com a FUNAI: você é que está enganando, toda a vida, os índios brasileiros. Toda a vida enganando. É monte de promessas e nada sai.

Nós temos que trabalhar, pensar o que deve fazer, o que não deve fazer. Por isso, acho boa essa reunião. Nunca tinha visto isso. E amanhã, ainda vamos conversar um bocadinho, né?

Eu estou velho, estou na sobra dos antigos. Mas, eu tenho meus filhos, tenho meus netos. Onde vão viver? Onde vão viver eles? Portanto, esta reunião que estamos fazendo, tem que despertar a ideia, até das crianças que tem

que aprender a se defender. AS crianças indígenas tem que aprender a se defender. Não acha isso, Mário?

Awatkãto'i, José Miguel - Tapirapê

O terreno lá já foi medido. Mas a Tapiraguaia, o povo posseiro de lá quer tomar. O padre esteve com nós. O Padre Francisco deu uma força. Nós gostamos muito dele. Nós não esquecemos dele. Toda a vida nós lembramos dele, porque ele viveu com nós, né? Era gente pobre, gente novo que não sabia português. Cada ano, ele aprendia alguma coisa do brasileiro. A casa dele ficou lá também. Então nós ficamos com dô dele. A polícia chegou com ordem de tirar ele de lá. Tudo armado. Nós não ficamos sabendo dele.

Nós estamos lá no serviço. Lá ninguém se aquieta. Para só nos domingos, sábados. Eu estou vendo também a rocinha de vocês. É usa de índio, nós também fazemos assim. Branco derruba a mata aqui, derruba lá, derruba até onde ele quer. Mas, nós não. Se derruba aqui, outro pedaço fica igual capão, outro fica igual cerrado. Só branco derruba a mata toda. Nós não podemos. Senão a cada ano, nós perdemos a vida.

Nós temos mais de 20 aldeias lá. É igual uma cidade. É cidade de índio que nós temos lá. Igual a vocês. Uma cidade prá cá, outra cidade prá lá. Pra isso mesmo que o nosso pai dividiu: pra aumentar gente, pra aumentar criação. Agora, os Tapirapê estão aumentando. Cada vez, cada ano, vai aumentando. Igual aos Bororo, aos Xavante, Iranxe, Paresi, se der descanso pra eles.

Nós vamos pedir mais um pedaço de terreno porque o que nós temos é pouca coisa. Mesmo assim a Companhia chegou lá e disse que nós temos terreno grande. Pode dar plantamento no cerrado, mas não dá bom, não. Dá menos. No mato é que dá bastante.

* Cláudio Nenito - Guarani

O capitão Mário falou que se os índios fossem mais unidos, eram muita força. A FUNAI tem me perseguido bastante. Eu sendo legítimo brasileiro, tenho sido perseguido pelos outros brasileiros. Irmão contra irmão. Quando eles me jogaram fora, fiquei calado pra não ver sangue um do outro, pra deixa eles livres como eu saí livre. Os índios, meus com

panheiros, falaram pra mim: "você vai porque quer. Nós garantimos a sua morada aqui". Então eu falei: Não, eu vou. Eu quero ver vocês livres, trabalhando, criando seus filhos. Também eu quero criar meus filhos. Eu vivo na rua, mas tenho coragem de trabalhar.

Cadê a justiça? Onde foi? Um brasileiro legítimo, toca do de sua própria terra, da sua própria casa, onde descansa toda a noite pra dormir.

Eu sei que o meu problema é muita coisa, que a FUNAI está me amarrando por detrás. Se qualquer hora acontecer qualquer coisa comigo, eu não me arrependo. O índio Guarani e Caioã estão sendo castigado. O que a FUNAI fizer comigo, está feito porque eu não sou autoridade, só índio brasileiro. Mas eu estou firme ainda. Quero procurar muita gente de capacidade e resolver o meu problema.

Nicolau - Xavante

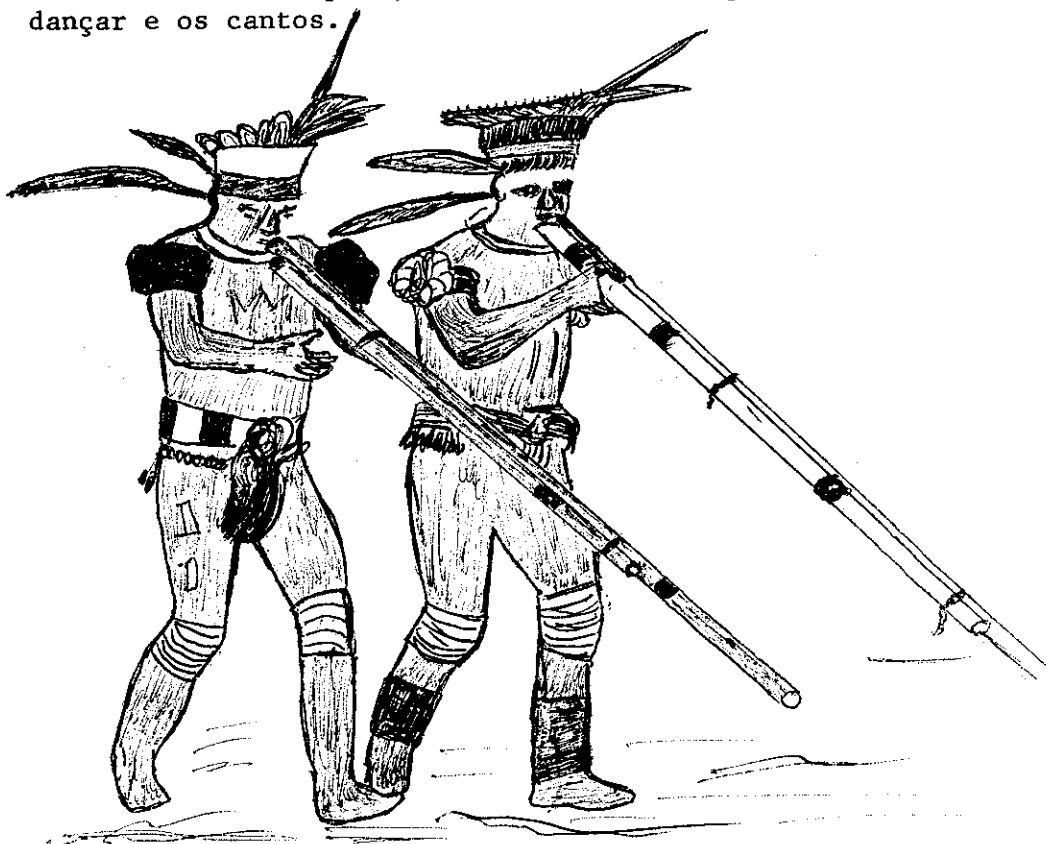
Quero agradecer a oportunidade de conhecer todos os irmãos que estão aqui presentes. Agradeço em primeiro lugar, o Lourenço que enviou convite para as chefias virem aqui tratar esses assuntos. Agradeço aos missionários. Agradeço a todo o pessoal que mora aqui, nesse Boqueirão. Queria agradecer. Só isso.

Wenceslau Buremodo - Bororo

No tempo de nossos antepassados, a posição de nossa aldeia começava desde o nascente até o poente. Antigamente, tinha duas, três carreiras de casas, uma atrás da outra. Hoje não é mais assim, somos poucos. Os antigos conservavam a saúde, tinham resistência pra tudo, na força, na carreira, em tudo. Porque naquele tempo eram guerreiros, brigavam mesmo. Estranhavam toda a gente estrangeira e brigavam mesmo. Nós defendia a nossa terra. Vinha os brancos e nós brigava. Nós não fazia extravagâncias contra a nossa saúde. Hoje não brigamos mais com ninguém. Somos todos amigos, todos irmãos.

! Nosso pai criou nós e depois os outros. Mas os que foram criados depois, vêm empurrando nós, invadindo nós, vêm acabando com nós. Portanto, quando nós cantamos agora, nós não fazemos mais aquela zoada como macaco, porque somos poucos. Mas mesmo assim, nós estamos conservando sempre a nossa dança e o nosso canto até hoje. Toda a nossa cultura

ra. Dos antigos ainda nós temos os chocalhos, tambor, os instrumentos de soprar, todos os enfeites que usamos pra dançar e os cantos.



Eugênio Rondon - Bororo

Em vista de que estamos encerrando esse encontro, tão alegre, queria ainda dizer algumas palavras em despedida . Primeiramente para nossos chegantes, estimados missionários: Dom Pedro que tanto se sacrificou pra chegar até aqui; Dom Tomás, que veio de longe, com perigo de perder o rumo. Esse tempo é péssimo de viajar. Agradeço muito essas presenças. Nunca desprezaremos a presença dos missionários entre nós.

Agradeço muito a presença dos nossos conterrâneos que vieram de longe. Eu sei quanto custa uma viagem, quanto é ruim uma viagem. Ano passado, saí daqui pra Diamantino. Eu sei quanto fiquei incomodado, quanto eu fiquei cansado. En

tão eu agradeço todos os que compareceram nessa Assembléia, alegrando-nos, dizendo os motivos que afligem seus corações, Agora estamos certos que todo o povo indígena tem o mesmo sentimento.

Em Diamantião, no primeiro encontro, vi que havia muitos companheiros tapados em certos pontos. Mas, desde aquela vez, parece que houve uma abertura pra compreensão deles. Tenho notícias, que do ano passado pra cá, os Índios tomaram impulso. E, em Cururu, tomaram outro impulso. Espero também, que este nosso encontro aqui não seja em vão. Então, agradeço a todos, que essa não vai ser a última assembléia. Esperamos que sejam realizadas ainda outras, por várias vezes. Que nós precisamos. Nós precisamos de instruções de nós mesmos. Instrução de branco já temos o suficiente. Bastante. Agora, nós temos que progredir com o que temos em nossa tribo. Com a riqueza que nós temos em nossa tribo, a riqueza que tem outras tribos.

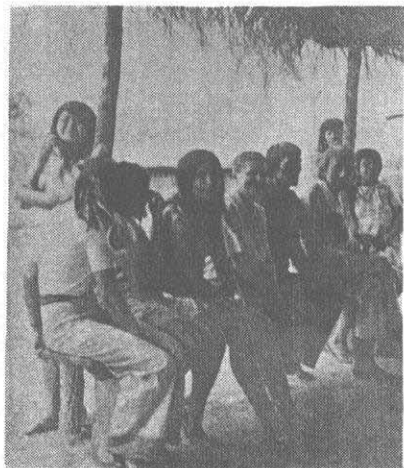
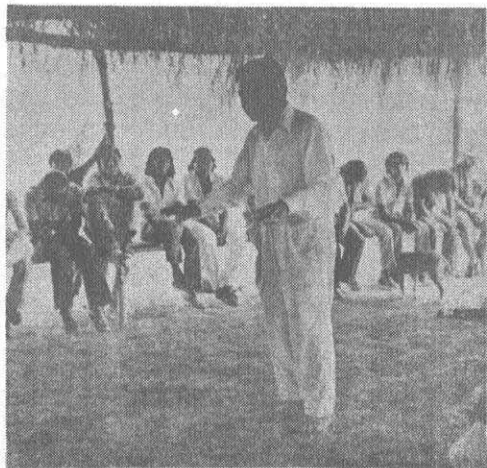
Conforme a combinação pra outra Assembléia, se eu estiver vivo, faço questão de assistir, com muito prazer.

João Batista (à direita): Quanto mais progresso do Brasil, mais os índios estão sofrendo. Nós estamos oprimidos (p. 40)



José Maria: Nós estamos divididos em tribos, mas temos um só Deus para acreditar e acreditar do nele nós temos uma boa união (p. 30).

Sérgio: Os bororo vieram de várias regiões. Onde passaram deixaram os nomes bororo, nos rios e nas serras (p. 47).



PARTE II -

Relatório da reunião exclusiva dos Índios - texto anotado e lido por Chibaewororo

Nós tivemos uma reunião hoje, sō entre nōs Índios mesmo. Muitas coisas ainda deveriam ser tratadas aqui, nessa reunião. Mas, como o tempo jã estã acabando, ficamos preocupados com um problema sō, que é a terra, que é o mas sacre que os Índios estã sofrendo. (A seguir, Lourenço apresentou aos presentes o depoimento de cada um, nessa reunião exclusiva dos Índios).

José Carlos Kuar - Bororo

Primeiro ele deu uma saudação a todas as tribos que vieram nos visitar. Mostrou como era nossa aldeia originalmente e pediu que dessa reunião a gente fizesse um resumo concreto. Ele disse que é Bororo autêntico e que não estudou nada desde pequeno. Antigamente conheceu o SPI, agora estã conhecendo a FUNAI. Ele disse que não é da colônia, que é do mato. Ele começou lã no Posto da FUNAI. Ele disse que a FUNAI estã fazendo muito feio com os Índios. Que os funcionários da FUNAI estã se aproveitando das verbas que vem pra ajudar os Índios. Eles procuram sō cuidar das famílias deles e do seu bem-estar, os Índios que se virem. Ele falou, que é simples, obedece as leis da natureza. O Índio deve ser livre porque é simples e leal. Disse ainda que as tribos mais conscientizadas devem ajudar as mais necessitadas.

Cláudio Nenito - Guarani

Ele disse que a tribo dele estã muito prejudicada no Posto de Dourados. Ele estã sendo jogado, expulso da aldeia. O Dr. Aderval Sardinha é o encarregado da FUNAI lã, e o Capitão é Ramão Silva Machado. Eles se deixaram comprar e ajudam a judiar dos Índios. Os Índios jã se queixaram disso muitas vezes, mas nada. Não tiveram resultado nenhum. A Polícia que a FUNAI usa lã é Polícia Indígena, ou Polícia Rural. Mas na verdade é uma polícia mestiça: paraguai e civilizado. Ele pede que seja levada essas reclamações dele ao conhecimento das autoridades pra ver se hã alguma solução.

Ele pede a união de todos os Chefes Indígenas pra fazer essa reclamação.

Sérgio Queoai - Bororo

Disse que os Bororo que estão aqui vieram de várias regiões. E que onde passamos deixamos os nomes Bororo, nos rios e nas serras. Depois vieram os posseiros, se fixaram e tornaram donos definitivos das terras através do Governo.

Disse que estava angustiado de ouvir as notícias trazidas pelos Índios que vieram de longe. E que se os Bororo tivessem condições iam ajudar, trazendo todos pra cá, conosco.

João Batista - Bororo

Ele disse que não temos dinheiro, nem gado. Mas precisamos viver cada vez mais irmanados, conhecendo uns aos outros. Os brancos tem poder e os Índios nada. Quanto mais o Brasil progride, mais somos massacrados e maltratados. Devemos fazer nossos filhos estudar pra que eles possam nos defender no futuro.

Apoena - Xavante

Ele disse que nem todos os brancos são bons. Então, devemos prestar atenção. Nossos avós andaram por aqui antes dos brancos. E nós apesar de ter direito, não temos nada. FUNAI ganha às custas dos Índios. Todos nós estamos sofrendo.

Paulo - Xavante (Sangradouro)

Devemos dar forças aos nossos chefes. Não devemos dormir. Devemos alertar as autoridades. Queremos maior autonomia.

A FUNAI de Cuiabá disse que os Xavante são preguiçosos. E uma vez o Coronel Olavo disse também que não ajudava os Bororo porque era muito amigo dos fazendeiros. Que não ajudava os Bororo porque não podia desagradar seus amigos fazendeiros.

Mário - Xavante, São Marcos

Eu sou guerreiro de São Marcos. Devemos unir: São Marcos, Sangradouro e Meruri, pra ajudar outras aldeias necessitadas.

O dinheiro do Governo é usado indevidamente. Mas, o índio precisa também viver. Ele tem família, é gente. Devemos progredir economicamente e demograficamente que é o crescimento de pessoal, né? O Governo vai se sentir envergonhado diante dos países estrangeiros se continuar matando o índio como quer e quando quer. Precisamos estudar pra defender a classe indígena e viver legitimamente como índio. Casar com branco é perder a força perante a comunidade indígena. Não devemos nos deixar comprar pelos brancos com presentes. É preciso lutar primeiramente pela reserva, pra vivermos tranquilos no futuro.

Miguelão - Bororo

Ele disse que nós estamos aqui desde os tempos primitivos, e que ele não sabe quem foi que acordou os gringos pra que eles viessem atormentar os índios que viviam tão tranquilos nesta terra. Ele disse que foi aberta a cortina para os brancos nos atormentar e perseguir. Ele fez uma comparação: se um dia a gente fosse ao palácio do Governo e tirasse de lá uma poltrona, o que aconteceria? Não somos nós que estamos roubando esta terra. O branco é como tatu, onde entra estraga tudo. Pode ter de tudo que ele quer roubar ainda mais e ainda grafam. Escreve seu roubo no papel que é para ter mais firmeza. Vamos trabalhar mais unido pra defender nossa terra. Deus está sentindo o que nós estamos sentindo.

Nicolau - Xavante (Sangradouro)

Ele disse que devemos dar uma ajuda ao nosso irmão Guarani. Devemos denunciar esses Chefes do Posto, lá no Sul. Alguns indivíduos, Xavante ou Bororo, deverão acompanhar o Guarani de volta. Todos os Chefes aqui presentes deverão assinar e dirigir uma carta (sobre o assunto) ao Delegado de Campo Grande. Devemos aliviar os trabalhos dos nossos Chefes nas lutas pelas Comunidades Indígenas. Devemos ajudar nossos Chefes.

Egídio - Bororo

Ele disse que Deus está acima de tudo, mas que devemos fazer a nossa parte que Deus toma conta do resto. Defender a nossa terra é obrigação. Para isso devemos estar sempre unidos com o CIMI.

Não se tem mais direitos humanos nesta terra. Não tem lei. Onde está o Estatuto do Índio? Quem faz as leis, nem sabe onde elas estão.

Maurício - Irantxe

Ele pediu que todos os Chefes presentes de cada tribo, se reunissem e fossem fazer reclamação em Brasília. Ele disse que somos um só sangue.

Inácio - Irantxe

Ele disse que devemos ajuntar nossos esforços para conseguir uma melhoria.

Manuel - Xavante

Ele disse que é difícil conversar com autoridades, mas que nossos rapazes estão estudando pra serem mais ativos. Os antigos eram mais livres e nós agora estamos jogados e desprezados. Todos os Chefes de Mato Grosso devem se unir numa única força.

Paulo - Xavante

Pediu que todos os Chefes fossem à Brasília para uma reunião.

José - Tapirapê

Ele disse que os Tapirapê querem legalizar as terras deles pra poderem ficar tranquilos. Ainda não foram medir a terra deles. Mas, que eles não aceitam a FUNAI lá porque ela só quer explorar. Usa carro de bois dos índios e não paga. Ele disse que os Tapirapê não querem viver com comida de civilizado. Eles querem só o que é deles: a caça, a pesca.

João Batista - Bororo (Sangradouro)

Ele disse que a FUNAI não devia diminuir terreno dos índios. E que os índios deviam ter prioridade diante

dos intrusos. Disse que ninguém deve obrigar os índios a abandonar suas tradições e costumes. E que as autoridades não tomam conhecimento dos abusos cometidos contra os índios. E que a culpa maior é a dos Encarregados dos Postos.

Joaquim - Paresi

Ele disse que aqui nós temos Chefes decididos e que em nossas aldeias não entra ninguém porque temos fiscal. Ele disse que tem chefe que só quer encher a barriga e não se interessa pela Comunidade. Os Chefes devem enfrentar as questões. Levar as propostas a cumprir.

Eugênio - Bororo

Esta reunião foi marcada pelos próprios Bororo. Estamos tendo plena autonomia. Devemos agir livremente. As reuniões devem ser sempre organizadas pelos próprios índios.

Devemos defender os missionários que correm risco de serem presos por nossa causa.

Devemos defender o Guarani porque o que está acontecendo com ele é contra a lei. Estão pisando na lei. Ninguém pode prender, amarrar índio. Devemos reclamar diretamente ao Delegado e ao Presidente da FUNAI.

Mário - Xavante (São Marcos)

Ele falou que nós devemos nos defender reciprocamente e também defender os missionários. Devemos aprender e tirar do branco só o que ele tem de bom. Ele disse que não devemos casar com branco pra não trazer doenças para nossas aldeias. Doença de branco é muito difícil de ser curada.

Lourenço encerrou a reunião convidando todos para o jantar e avisando que depois haveria como despedida uma apresentação de danças.

TERCEIRA ASSEMBLEIA DE CHEFES INDIGENAS
MERURE, 2 A 4 DE SETEMBRO DE 1975

"PRA ELE (GOVERNO) ÍNDIO NÃO É NADA. PRA ELE, ÍNDIO NÃO CONHECE TERRA BOA. ELE PEGA ÍNDIO ASSIM E JOGA NO LIXO, ONDE A TERRA NÃO VALE NADA.

A GENTE SOFREU MUITO, ATÉ CHORA O MEU CORAÇÃO. LÁ NO SUIÁ-MISSU FOI TIRADA A TERRA DO ÍNDIO. ERÁ PLANANA, ERA TERRA BOA, MAS O GOVERNO TIROU O ÍNDIO E BOTOU ELE NO BREJO..." (MARIO JURUNA)

"NOSSOS IRMÃOS ÍNDIOS ESTÃO SENDO PERSEGUIDOS, PISADOS. NÓS SOMOS DESPREZADOS E PISADOS. NÓS FICAMOS DE BAIXO DO PÉ DO BRANCO" (MANUEL NOZIÚ)

"NÃO SOMOS NÓS QUE ESTAMOS ROUBANDO ESTA TERRA. O BRANCO É COMO TATU, ONDE ENTRA ESTRAGA TUDO. PODE TER DE TUDO QUE ELE QUER ROUBAR AINDA MAIS E AINDA GRAFAM. ESCRIVEM SEU ROUBO NO PAPEL QUE É PARA TER MAIS FIRMEZA..." (MIGUELÃO)

